

TAUHYL, A. P. M.

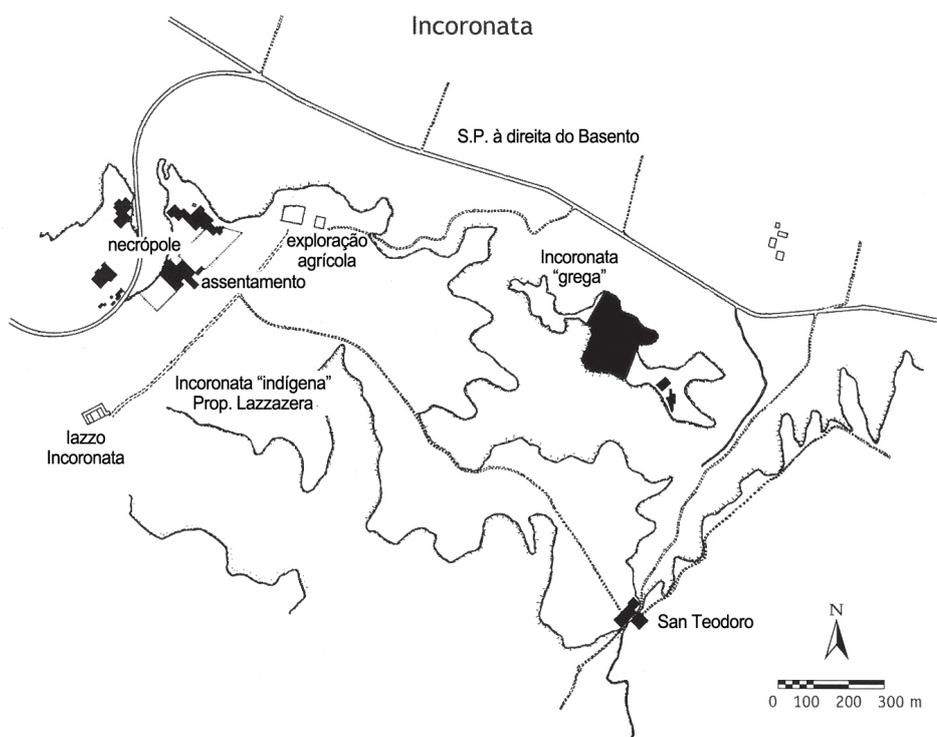
2009. Contatos entre gregos e indígenas no sul da Itália (séc. VIII a.C.): os caminhos da arqueologia. S.P., Labeca – MAE/USP.

[revisão Labeca]

Este artigo é parte da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Os gregos em Poseidônia e Metaponto: a *khóra* e a *ásty* como cenários de integração com os indígenas, entre os séculos VIII e IV a.C.”, que tem como plano inicial a comparação entre estas duas colônias gregas situadas no sul da Itália, no que se refere ao uso do território e como isso pode refletir estratégias de inclusão e exclusão dos indígenas.

Aqui, trataremos de Inoronata, mais especificamente do pico oeste, sítio bastante complexo com abundante informação do século IX ao VII a.C., localizado em Metaponto.

O local tem a seguinte configuração: ao sul do rio Basento, a aproximadamente 8 km da costa, situa-se Inoronata “grega”; bem perto, estão as necrópoles de San Teodoro e Inoronata “indígena”, datadas dos séculos IX e VIII a.C. Nossa pesquisa baseia-se no trabalho de Joseph Carter e Antonio De Siena.



Sítios de Inoronata “grega”, Inoronata “indígena” e San Teodoro na parte sul do vale do rio Basento, a 8 km da costa Jônica (C. Williams/ICA; in Carter 2006: 54 [fig. 2.2]).

	Contatos entre Gregos e Indígenas no Sul da Itália (séc. VIII a.C.): os Caminhos da Arqueologia	Fev / 2010
labeca		2 de 8

Incoronata “grega” reúne uma série de características em um único sítio, o que permite o aprofundamento do problema colocado por esta Iniciação Científica. O sítio passou por várias fases: vila indígena, assentamento misto de indígenas e gregos e, por fim, santuário rural grego, símbolo da presença aquéia na região. Embora se saiba muito pouco sobre o que aconteceu na época da fundação de Metaponto (o pouco que se sabe vem repleto de controvérsias), o contato anterior entre gregos e indígenas, que pode ser deduzido por meio dos vestígios arqueológicos, é capaz de nos dar pistas sobre o processo de interação nesta região entre as duas culturas, de modo geral. O que se extrai da reflexão de estudiosos como Carter e De Siena vai bastante além da visão de confronto, muitas vezes comum quando se fala das colônias gregas no Ocidente. O sítio, escolhido exatamente pela grande quantidade de material nele existente, pode mostrar uma realidade que possivelmente se prolongou até o período posterior à chegada dos colonizadores.

De Siena (2001: 17) percebe algumas mudanças na passagem do final do Bronze para o início da Idade do Ferro (XI-X a.C.) na região da costa Jônica. Ocorreu uma crise nos maiores centros, que deram origem a pequenos núcleos mais próximos à costa, zona favorável ao desenvolvimento agrícola devido à maior estabilidade geográfica. Os núcleos se verificam pela presença de grupos de cabanas acompanhadas por sepulturas, distribuídos alternadamente em amplos espaços vazios. As ligações entre os habitantes eram de parentesco próximo. Apesar desses acontecimentos, De Siena não vê sinais de uma ruptura cultural e étnica com a Idade do Bronze. Exemplo disso é a manutenção do sepultamento do defunto na posição “rannicchiata” – fletida, muito comum na Idade do Ferro, mas que já aparecia nas tumbas do Bronze Antigo, por exemplo, em Funnone di Pomarico, na região do rio Bradano.

Neste contexto geral, é possível identificar, na região de Incoronata-San Teodoro, uma grande quantidade de vestígios materiais relacionados à habitação e à necrópole na Incoronata indígena. No terreno foram encontrados os buracos em que se colocavam os postes que estruturavam a cobertura das cabanas e a cavidade que servia de depósito nas mesmas (De Siena 2001: 18).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Contatos entre Gregos e Indígenas no Sul da Itália (séc. VIII a.C.): os Caminhos da Arqueologia	Fev / 2010
labeca		4 de 8									

e econômico. A documentação relativa à Incoronata consiste no aumento, a partir daí, de produtos importados da Grécia e das ilhas do Egeu. Da mesma forma, apareceu uma produção local que trazia sinais da influência grega. O primeiro achado na região aconteceu em 1971. Trata-se do fragmento de um *deinós* com desenho de cabra selvagem importado do sul da Jônia, datado de aproximadamente 630 a.C.



Fragmento de um *deinos* tardio importado do sul da Jônia com desenho de cabra selvagem, cerca de 630 a.C. H. 14,5 cm. (V. Massaro. Cortesia da Soprintendenza archeologica della Basilicata. In CARTER 2006: 57 [fig. 2.6]).

As escavações ocorridas em 1971 levaram Adamesteanu (1971: 18-20; *apud* Carter 2006: 56) a crer na possibilidade da convivência simbiótica entre gregos e indígenas no sítio da colina de Incoronata “grega”. Orlandini (1999; *apud* De Siena 2001: 20), por sua vez, levanta a hipótese de sobreposição grega no assentamento indígena, baseada nas evidências de cultura material que provariam a chegada grega e a estadia de artesãos e comerciantes externos. A teoria é também sustentada pela redução da produção local, pelo surgimento de novas técnicas de construção, como a planta quadrangular e o uso de tijolo cru, e pela analogia com materiais mais arcaicos da colônia grega de Siris, encontrados na colina de Policoro. Assim, à Incoronata caberia o papel de posto avançado de Siris cuja função era estabelecer trocas comerciais com outros

	Contatos entre Gregos e Indígenas no Sul da Itália (séc. VIII a.C.): os Caminhos da Arqueologia	Fev / 2010
labeca		5 de 8

sítios enótrios do interior, ou seja, um assentamento com função de *empóron*. Contudo, vestígios, ou melhor, a falta deles parece indicar que a circulação dos produtos se restringiu à colina de Incononata. O sítio teria sido, na visão de Orlandini, local de duas destruições: uma para virar *empóron* e, depois, para virar colônia aquéia. De Siena (1996; *apud* De Siena 2001: 20), por outro lado, cita, a fim de provar sua teoria de continuidade, a imutabilidade das estruturas de habitação da fase indígena para a fase grega, com exceção da utilização da forma quadrangular com rodapé de pedra e construção de tijolo cru no caso de depósitos para grandes vasos de argila, os pitos.

Existe, em relação à arquitetura das cabanas, um grande debate que Carter (2006: 58) nos apresenta em seu trabalho. O pico oeste de Incononata “grega”, assim como os outros dois, é repleto de estruturas que Carter divide em: a) poços de tamanhos e perfis variados, que vão desde bem pequenos até 1,5 m ou mais de diâmetro; b) poços retangulares maiores; e c) estruturas semi-enterradas com superfícies do piso afundadas, algumas com pedras que sustentariam paredes de tijolos. Orlandini (1974; *apud* Carter 2006: 58) entende que os poços circulares serviam para guardar restos de cerâmica indígena, pois este era o conteúdo deles quando escavados. Outros desses poços continham cerâmica grega e indígena, sendo que ela era datada por estudiosos como da época em que supostamente havia apenas gregos no local. Orlandini também considera esses poços depósitos de restos. As estruturas retangulares seriam *oikoi*, ou seja, casas gregas, pois continham cerâmica grega em maior quantidade, embora também apresentassem vestígios indígenas. Sua interpretação original, em 1974, como já citamos acima, é de que as cabanas com restos indígenas representariam a primeira fase da ocupação (vila indígena) no século VIII a.C., e as cabanas com resíduos gregos e indígenas seriam poços para guardar o que sobrou da vila destruída. A presença de material indígena nos *oikoi* é explicada pelo fato de que estes acabavam alcançando o estrato inferior quando destruídos. Contudo, os estudos de Small e Yntema (1985; *apud* Carter 2006: 60) mostram que algumas cerâmicas indígenas são contemporâneas à presença grega, o que levou Orlandini (1974; *apud* Carter 2006: 58) a, de certa forma, aceitar em parte uma possível coabitação. Outra questão é a função dessas estruturas. Como os *oikoi* eram pequenos e não pareciam ser de tamanho apropriado para uma habitação confortável, De Siena (1996: 81; *apud* Carter 2006: 60) argumenta que os poços redondos poderiam ser porões de cabanas cujas partes superiores foram destruídas pelo tempo, embora não existam evidências de buracos de postes perto dessas estruturas. Isso levou à hipótese de que os poços retangulares

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Contatos entre Gregos e Indígenas no Sul da Itália (séc. VIII a.C.): os Caminhos da Arqueologia	Fev / 2010
labeca		6 de 8									

fossem armazéns de lojas, o que corroboraria a ideia do *empóron*, entretanto, de domínio indígena.

No que concerne à produção de cerâmica, Inoronata contava com vários materiais fabricados no local, mas de estilo grego. Como exemplo, temos um *perirrhantérion* (vasilha para purificação com água) com funções rituais, segundo Adamesteanu (1986; *apud* Carter 2006: 60). Isso sugere que havia um contato artístico entre a localidade e a Grécia Dórica no início da segunda metade do século VII a.C., pois o estilo do relevo da decoração, feita com temas míticos e homéricos, costumava circular na região de Corinto por volta de 650 a.C. (Carter 2006: 60). Orlandini vê, nesse caso, a possibilidade do vaso ser destinado à troca com algum chefe enótrio. Carter (2006: 61), por outro lado, não sabe se alguma vez um vaso desse tipo foi encontrado em locais de culto ou de enterramento indígena.



(A) *Perirrhantérion* de terracota das escavações da Universidade de Milão (Inoronata 4, 83, 88 [figs. 156, 165]). Altura: 78 cm, base diam. 78 cm. (B) Detalhe. Compare o friso de San Biagio (figura abaixo, sobre a qual se falará mais tarde), (In Carter 2006: 61 [fig. 2.10]).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Contatos entre Gregos e Indígenas no Sul da Itália (séc. VIII a.C.): os Caminhos da Arqueologia	Fev / 2010
labeca		7 de 8									



Relevo de um edifício sagrado em San Biagio, representando uma biga com guerreiro armado. Datado do final do século VII a.C. Altura: 20,7 cm (In Carter 2006: 76 [fig. 2. 38]).

Mesmo no século VII a.C., a produção local continuava presente pelos fragmentos de vasos que mostram a continuidade de uma tradição artesanal que se permite algumas mudanças e refinamentos. A influência grega é difícil de ser atribuída especificamente a um povo, pois existem cerâmicas de vários tipos: de origem jônia, aquéia, micênica, da costa Adriática e de Ítaca, entre outras. De tudo isso, De Siena (1996; *apud* Carter 2006: 63) conclui que houve assimilação dos elementos novos, no caso gregos, pela cultura local e não o desaparecimento desta em virtude daquela. Portanto, ele não crê na presença de um *empóron* de Síris nesse contexto de controle indígena, nem em uma colonização precoce grega. De Siena entende que havia, aí, uma dinâmica de tipo proto-colonial, ou seja, os gregos moravam em núcleos próximos à costa e aos rios com o consenso dos indígenas da região.

Os enterramentos do século VIII e VII a.C., segundo De Siena (1990; *apud* Carter 2006: 63), mostram a emergência de uma elite indígena influenciada e enriquecida pelo contato com os gregos. Neste grupo, encontra-se um sepultamento em posição de supino, em contraste com o comumente utilizado enterramento fletido na região. Essa pessoa, provavelmente especial, faria parte da elite que De Siena cita. Além disso, a tumba também se diferencia pela profundidade e pela única grande laje que a cobre. A necrópole é separada das habitações por uma estrada. Na área das cabanas há vestígios de buracos

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Contatos entre Gregos e Indígenas no Sul da Itália (séc. VIII a.C.): os Caminhos da Arqueologia	Fev / 2010
labeca		8 de 8									

de postes que sugerem uma estrutura retangular. Se isto for uma habitação, a ideia de que foi a inspiração grega a responsável por estruturas retangulares cai por terra, uma vez que as ruínas são do século VIII a.C., anteriores à fundação de Metaponto, no século VII a.C. Apesar do abandono das moradias em Incononata “indígena”, suplantada por Incononata “grega”, a região continuou a ser utilizada para enterramentos. A nordeste, após uma ravina e recoberto por uma *azienda* moderna, localiza-se um grupo de sepulturas indígenas em posição fletida e crianças enterradas (*enchytrismòs*) em ânforas gregas importadas, acompanhadas por aríbalos de estilo Protocoríntio tardio. Há grupos similares em Siris e Pitecusa. De Siena (1990; *apud* Carter 2006: 63) salienta a importância desses achados, pois sugerem proximidade dos indígenas à Incononata “grega” no século VII a.C.

Como podemos perceber por meio dos vestígios e das interpretações citados neste artigo, o tema do contato pacífico entre indígenas e gregos tem sido bastante investigado, questionando o embate comumente defendido pela visão tradicional.

Bibliografia:

CARTER, J. C.

2006. *Discovering the Greek countryside at Metaponto*. Thomas Spencer Jerome Lectures - Twenty-third Series. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

DE SIENA, A.

2001. *Metaponto. Archeologia di una colonia greca*. Taranto: Scorpione Editrice.